

Processos metaforonímicos e o interdiscurso na criação de histórias

Eduardo Calil
UFAL

Introdução

Tomando como aporte teórico as reflexões de Cláudia Lemos (1982, 1986 e 1992) sobre a aquisição de linguagem, este texto pretende mostrar uma dimensão do processo de criação ligada aos mecanismos metafóricos e metonímicos (Lemos, 1992), ao interdiscurso (Pêcheux, 1988) e aos efeitos de sentido na relação da criança com o texto que escreve.

O que Lemos (op. cit.) diz sobre estes dois mecanismos como princípios que regem o funcionamento da linguagem se coloca como um lugar extremamente fértil para se avançar na discussão sobre algumas relações entre sujeito/texto, particularmente, naquelas que dizem respeito à criação de histórias inventadas.

Para poder falar em processo de criação do lugar teórico que assumo é preciso abandonar a visão consolidada em torno do artista, do escritor ou do indivíduo que cria (Salles, 1998), com uma certa autonomia e vontade pessoal, os efeitos de sua obra, a partir de um processo de produção influenciado por fatores sociais, econômicos, históricos e culturais.

Conquanto não se deva negar a interferência destes fatores na língua e sua relação com o dizer, vale a pena destacar que a interpretação dada aos processos de criação de textos procurara delimitar o funcionamento lingüístico-discursivo

como eixo condutor de toda a reflexão aqui presente. Isto é necessário para se poder ancorar a dimensão da língua no reconhecimento de sua ordem própria (Saussure, 1986).

Diante desta diferença, um primeiro ponto a ser postulado refere-se à problemática da significação, isto é, ao valor do signo lingüístico. A teoria do valor, conforme elaborada por Saussure (op. cit.) na segunda parte do *Curso de Lingüística Geral*, mostra um "princípio paradoxal" na sua constituição: O valor é sempre constituído, por um lado, "por uma coisa *dessemelhante* susceptível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar", e por outro "por coisas *semelhantes* que se podem comparar com aquelas cujo valor está em causa" (Saussure, op. cit.:134). A importância desta tese está no fato de seus primitivos serem relações, diferenças e não unidades lingüísticas consideradas de antemão em si mesmas.

Considerando esta tese, Lemos afirma que,

tal noção de valor impossibilita o acesso às coisas em si mesmas, ou em outras palavras, poder tratá-las como idênticas a si mesmas. Diferença e semelhança se mantêm entre entidades que são heterogêneas com respeito às entidades afetadas ou determinadas por estas. (1992:125).

Isto toca em dois pontos fundamentais para a análise que pretendo desenvolver. O primeiro deles coloca em questão a preexistência de unidades, classes e categorias que seriam dadas previamente. O segundo ponto merece uma consideração ulterior sobre a teoria do valor. O fato das relações paradigmáticas e sintagmáticas ter servido para descrever os paradigmas fonológicos e morfológicos das línguas enquanto constituídas não impede que a noção de valor torne possível entender o movimento de constituição de unidades e de sentidos que está implicado na sua relação com um sujeito¹.

¹ Confira Lemos (1995) "Língua e discurso nos estudos de aquisição de linguagem". *Anais do III Encontro de Aquisição de Linguagem*. Porto Alegre.

É preciso ainda considerar que o efeito de sentido se dá na articulação da própria cadeia discursiva. Um funcionamento que se dá através de relações entre unidades de extensão e estatuto variado que "são sempre em si mesmas um produto de tal relação" (op. cit.:126). Isto impede que se limite a idéia de relações às palavras ou termos, exigindo um aprofundamento do que seriam essas relações e suas articulações nas produções das unidades lingüísticas.

Segundo a autora, a língua, não entendida enquanto um sistema conforme dizia Saussure, mas sim enquanto sistematidade, funcionaria através de vários domínios ou discursos diferentes. O processo de significação estaria vinculado a um duplo movimento de restrição e ampliação do que vai sendo constituído sob a forma de unidades de ordem vária (Lemos, em preparação). Por um lado, a cada nova unidade que se constitui no dizer, abre-se possibilidades de deriva (Pêcheux, 1990) e, por outro, produz como efeito a ressignificação na medida em que implica em relações com o que vem antes e o que vem depois.

Contudo, esse movimento não é promovido às cegas. O processo de significação decorre do fato de cada fragmento colocar em cena, por um lado, o sujeito, por ele também significado e, por outro, o interdiscurso, isto é, a memória do dizer em que "algo fala antes, em outro lugar e independentemente" (Pêcheux, 1988:99).

Os processos metafórico e metonímico, convocados por Lemos para descrever esse movimento e seus produtos, têm origem no trabalho de Jakobson (1963) e na releitura que dele faz Lacan (1988). Para a autora, o entendimento desses processos passa obrigatoriamente pela relação que Jakobson estabelece entre processo metafórico e processo metonímico e, respectivamente, metáfora e metonímia enquanto figuras de linguagem. A saber: para Jakobson, metáfora e metonímia são produtos cruciais desses processos. Essa afirmação permite avaliar quanto e como ele ultrapassa as noções de paradigma e sintagma em Saussure, transitando da afasia para a linguagem poética e outros domínios.

Além disso, segundo Milner (1989), citado por Lemos (1992),

metáfora e metonímia dão às relações paradigmáticas e sintagmáticas um papel de leis de composição interna da linguagem, na medida em que trazem à luz o efeito dessas relações, isto é, que a composição de dois termos se produz um terceiro. Na base dessa afirmação, parece estar o conceito de metáfora como figura em que a relação entre o termo manifesto e o termo latente (ou substituto) produz um sentido que não coincide com nenhum dos dois e os ultrapassa. (op. cit.:127).

O uso de termos como “latente” e “manifesto” advém da necessidade de dar conta do fato de que o texto pronto, e na sua linearidade aparente, apaga os movimentos pelos quais se dão as substituições que se produzem como relações entre cadeias ou fragmentos textuais e não entre termos isolados.

A relação metafórica implica no elemento substituído, cuja presença é assegurada pela cadeia de que ele está ausente. Essa natureza da metáfora, enfatizada por Lacan, mostra sua indissociabilidade da metonímia.

Como figura de linguagem, a metonímia é tida como representação da parte pelo todo e do todo pela parte. Lemos (op. cit.) torna essa definição essencial para se entender o processo metonímico:

Na medida em que a cadeia/estrutura representa um elemento que está ausente dela como posição na qual está inscrito, pode-se dizer que atua como o todo representando a parte. O inverso também é verdadeiro: em cada elemento está inscrito sua posição na cadeia/estrutura e é nessa medida que o elemento pode representar toda a cadeia, enquanto parte que representa o todo. (op. cit.:127).

É por isso que se pode dizer, com Lacan, que a relação é entre um termo manifesto e um termo latente presentificado pela cadeia. Ou ainda, com Saussure, entidades lingüísticas “flutuam” em torno de outras entidades lingüísticas.

Algumas interpretações a partir disto

Com estas considerações em torno dos processos metafóricos e metonímicos, tomarei como objeto de análise aquilo que dizem duas crianças, Isabel e Nara, com aproximadamente sete anos de idade e cursando o último ano da Pré-escola. Estes dados foram filmados durante situações de produção de texto em contexto escolar. As meninas estudavam em uma escola particular na cidade de São Paulo, que adotava uma prática denominada de “pedagogia construtivista”. Selecionei alguns fragmentos da história “A rainha comilona” escrita pela dupla, em junho de 1991.

Isabel e Nara, antes de começarem a combinar e a escrever a “história inventada” a pedido da professora, folheiam uma revistinha da Magali (personagem do Maurício de Souza) que estava sob a carteira de Isabel. O título da história do gibi que Isabel passa a ler para Nara é “Magali em: Rapunzel”. Logo em seguida passam a combinar a história que irão escrever.

- 1 ISABEL: “- (LENDO.) Magali...Rapunzel. (S.I.) ...porque a fome (S.I.) ...para piorar tudo, uma bruxa morava ali impedia crescer qualquer planta... a não ser nas terras dela. Oh! Querido! Cuida-do querido... (EXPLICANDO PARA NARA.) por causa que o pai irá pegar rabanete, ela disse. (LENDO.) Minhas cenouras?! Já sei quem fez isto. Foi aquele meu vizinho, o camponês. Ara, se...eu sabia... (PROFESSORA APROXIMANDO-SE, RETIRANDO O GIBI E PEDINDO PARA COMEÇAREM A COMBINAR A HISTÓRIA.)
- 2 NARA: “- (SUGERINDO UM TÍTULO PARA A ‘HISTÓRIA INVENTADA’.) A rainha comilona.”
- 3 ISABEL: “- Rainha comilona, eeehh!! (RINDO.) É assim... era uma vez uma rainha que comia uma vez uma coisa com ‘a’ e falava prá madrinha que era assim que fazia regime... daí ela começa depois tudo que começa com ‘b’, depois tudo que começa com ‘a’, depois tudo que começa com ‘c’... (NARA

APONTANDO O ALFABETO FIXADO ACIMA
DA LOUSA.)

4 ISABEL e NARA: "- abcdefghij ..."

5 ISABEL: "- Tá bom...vamos?"

6 NARA: "- Tá.... "

Gostaria, inicialmente, de destacar o processo de formação do título desta história. Ele parece ser claramente produto do processo metonímico e do cruzamento de diferentes textos. Do gibi da Magali, que tem por característica ser comilona, para a escrita de uma história haveria um deslizamento de significantes que ganham seu valor quando postos em relação.

No título "A rainha comilona" parece haver uma espécie de aglutinação entre dois textos relacionados a universos discursivos diferentes. Dizer que o título congela um movimento metonímico pode ser justificado da seguinte forma: de um lado, há o gibi que conta a história da Magali, personagem de Maurício de Souza que tem como característica principal comer muito, ser comilona. De outro há um universo discursivo ligado aos contos de fadas, em que circulam personagens típicos. Da leitura do gibi migra, associativamente, comilona; da necessidade de se escrever uma "história inventada" emerge "rainha".

Entretanto, talvez isto seja válido somente em parte, pois não parece ser suficiente para se entender o "deslizamento" que o título fotografa.

O fato deste título ser "rainha comilona" traz à tona também um processo de metaforização na medida em que tanto "rainha" como "comilona" se inscrevem em uma cadeia que guarda suas latências. "Rainha" (assim como, princesa, príncipe, rei, fada madrinha, madrasta, bruxa etc.) é parte de um enunciado, de um texto que vem de contos-de-fada e que circula nestas práticas de textualização em que crianças, altamente letradas, têm que escrever "histórias". Veja que a estrutura morfo-sintática do título se repete em inúmeros contos, como por exemplo, "Bela Adormecida", "Chapeuzinho Vermelho", "Gato de Botas", "Branca de Neve e os sete anões", "A moura torta", "O príncipe valente", etc. Neste sentido, a formação do título já traz esta estrutura em que há um personagem e sua caracterização, cuja atualização repete algo já-dito. A entrada de "rainha" e

de "comilona" tem um lugar bastante específico, diferente de formulações como: "a rainha que gostava de comer" ou "O regime alfabético" ou "a comilona rainha" ou, ainda, "a rainha e seu regime".

Ter entrado "rainha" não pode apagar a idéia de que há uma concorrência entre os significantes manifestos e latentes. A aglutinação (rainha + comilona) é produto da relação entre os processos metonímico e metafórico aqui descritos.

Não quero afirmar com isto que outra coisa não poderia fazer unidade e ganhar valor na relação posta no título. Poderia ter entrado "mãe" ou "menina" no lugar de "rainha"; "mã" ou "gulosa" no lugar de "comilona", mas também poderia ter sido outra coisa completamente diferente que entraria em relação imediatamente, fazendo unidade e, de certa forma, significando tudo que vem depois. Cabe, entretanto, perguntar se não há aí algo da ordem do interdiscurso, pois parece estar presente na titulação dada uma relação com as possibilidades do dizer.

O que importa aqui é destacar esta articulação. No momento em que se produz um efeito de unidade, através da relação entre significantes provocada pelos processos metafórico e metonímico, há um movimento complexo e dialético que afeta tudo aquilo que irá ser dito depois e tudo aquilo que já foi dito antes, podendo desfazer o efeito de unidade e levar o sentido para lugares inesperados. A isto estou chamando, como definiu Lemos, efeito retroativo.

Este efeito, produzido a partir das relações entre significantes, ao mesmo tempo que restringe, amplia as possibilidades do dizer e o movimento da cadeia discursiva. Fecha-se o título, abre-se no que vem depois e vice-versa. "Rainha" e "comilona" ao mesmo tempo em que restringe a história, abre para vários sentidos, diferentes direções.

Um desses sentidos é "regime". Manteria esta palavra uma relação metonímica com "comilona"? Ou seria uma relação metafórica, já que "comilona" formaria uma equivalência com "comer muito", "ser gordã", "ser grande" e "fazer regime"?

Difícil responder, uma vez que os processos parecem ser simultâneos e não hierárquicos. Quem é comilão, come muito, come qualquer coisa, come a toda hora, mas, a entrada metoní-

mica de "comer uma coisa com a", convoca regras e as letras do alfabeto. Na articulação entre as regras e o alfabeto, o que se produz, agora metaforicamente, é um regime curioso:

- "Comer uma coisa com a"
- "(Comer) tudo que começa com b"
- "(Comer) tudo que começa com a"
- "(Comer) tudo que começa com c"
- etc.

Cabe lembrar que é comum estas crianças, neste momento de alfabetização, brincarem de dizer coisas que se iniciem com determinadas letras, assim como ter o enunciado "abcdefgh..." destacado em suas práticas escolares. Também não seria nada estranho se Magali - que é comilona, apesar de não ser nada gorda -, em uma de suas histórias, fizesse um regime ou estivesse sofrendo de uma doença misteriosa que a fizesse comer tudo que comesse com "a", depois tudo que comesse com "b", depois tudo com "c" etc.

As possibilidades destes enunciados parecem indicar sua relação com uma exterioridade, com uma memória discursiva em que se filiarão e, na sua articulação com os processos metafórico e metonímico, estariam produzindo efeitos de sentidos imprevisíveis.

Breve comentário final

É a articulação entre os processos metaforonímicos e o interdiscurso que impede pensar na questão do sentido ou das direções do ato de criação de uma história como uma escolha. Esta articulação produziria efeitos que incidiriam no próprio estabelecimento da unidade e o encadeamento na cadeia discursiva. Como tentei mostrar, os lugares que ocupam essas unidades em uma cadeia, não poderiam ser dados supondo um conhecimento prévio por parte da criança sobre a estrutura, nem uma intencionalidade sobre os efeitos de sentido produzidos. Talvez se possa considerar que seja o próprio funcionamento lingüístico-discursivo na sua relação com o sujeito que

constitui o lugar imaginário da unidade e, ao mesmo tempo, a emergência da ruptura na cadeia discursiva².

As relações em jogo, mobilizadas pelos processos metafórico e metonímico e pelo interdiscurso, permitem que se traga para os estudos sobre a aquisição de linguagem (escrita) aquilo que é próprio do funcionamento da língua. Em decorrência disto, o processo de criação presente nas práticas de textualização (Calil, 1998) de "história inventada" traz como questão a autonomia do sujeito diante daquilo que escreve e o modo como estabelece a unidade/ruptura do texto.

Referências Bibliográficas

- CALIL, E. *Autoria: relações entre a criança e a escrita de histórias inventadas*. Maceió: Ufal, 1988.
- JAKOBSON, R. "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". In: R. Jakobson *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LACAN, J. "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In: J. Lacan *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- LEMONS, C. T. G. "Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original" *Boletim da Abralin*, 3. Recife: editora Universidade Federal de Pernambuco, 1982.
- _____. "Interacionismo e aquisição de linguagem". *D.E.L.T.A.*, 2. São Paulo: Ed. da PUC, 1986.
- _____. "Metaphorical and Metonymic Processes as Mechanisms of Change towards an Explanation of Social Interaction within a Theory of Symbolic Processes". *Substratum*, 1, 1992.
- _____. "Língua e discurso nos estudos de aquisição de Linguagem". *Anais do III Encontro de Aquisição de Linguagem*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- _____. (em preparação) *Na esteira do significante: uma proposta radical em Aquisição de Linguagem*.

² Um estudo mais aprofundado sobre a ruptura pode ser encontrado em Calil (1998).

MILNER, J-CI. *O amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PÊCHEUX, M. *Semântica Discursiva: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1988.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

SALLES, C. A. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp & Annablume, 1998.

De SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1986.

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Boletim informativo - *Mensal*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa
Trimestral
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria-
Trimestral
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Ed. Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**
Revista da Faculdade de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Anual*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina - *Anual*